

SÍNTESE PROVISÓRIA DO SÍNODO 2021/2023

FASE DIOCESANA

Ao povo de Deus presente na Diocese de Caxias do Sul!

Com alegria, apresentamos esta síntese prévia que nasceu do processo de escuta da Fase Diocesana do Sínodo dos Bispos 2021-2023, convocado pelo Papa Francisco: “*Por uma Igreja Sinodal: comunhão, participação e missão*”. Esta Síntese é denominada de **Síntese Provisória**, porque ainda temos tempo de complementações, acréscimos e reflexões a serem realizadas em nível diocesano. Esse documento aborda os principais aspectos pontuados pelos leigos, leigas, lideranças eclesiais, sociais, políticas culturais da nossa complexa e diversificada sociedade contemporânea. Também compõem o rol das representações e reflexões as respostas vindas por parte do bispo diocesano, dos sacerdotes, dos religiosos e religiosas que atuam nas paróquias, pastorais, movimentos da Diocese de Caxias do Sul.

Com o envio às paróquias e a publicação desta **Síntese Provisória** no site e redes sociais da Diocese de Caxias do Sul, comunicamos que há ainda tempo para que as pessoas de boa vontade possam expressar e compartilhar suas experiências e sonhos com relação à fase diocesana de escuta do Sínodo dos Bispos 2021-2023, **até o dia 30 de junho de 2022**. **O link de acesso às respostas e reflexões é: <https://bit.ly/ContribuicoesfinaisdoSinodoCaxias>**. Com mais esta possibilidade de escuta temos a demonstração de que nós, como Igreja, queremos, de fato, escutar e refletir as considerações, as ideias e as reflexões já ponderadas e sintetizadas, na referida **Síntese Provisória**, mas, também, nas possíveis complementações e acréscimos a serem feitos pela querida Porção do Povo de Deus, presente na Diocese de Caxias do Sul. Nessa linha de reflexão e atuação prospectiva, para que sejam possíveis novas considerações e complementos, salientamos neste documento provisória os aspectos mais presentes e sublinhados pelas diversas e diferentes respostas recebidas e enviadas à Equipe de Coordenação Diocesana deste processo sinodal em sua Fase Diocesana. Acentuamos a importância, deste tempo e desta instância, para possíveis complementos e acréscimos, a fim de que a Síntese Final, **a ser redigida até 31 de julho de 2022**, possa expressar de modo, mais fielmente possível, a realidade local da nossa Diocese e possa colaborar com o processo de escuta sinodal, porque o nosso querido Papa Francisco nos convocou para este momento tão importante e agraciado da Graça de Deus: “**Por uma Igreja Sinodal: comunhão, participação e missão**”.

Sendo assim apresentamos, em tópicos, os aspectos pontuados até o presente momento, tendo por ordem primeira a pergunta sobre a percepção dos sinais do caminho sinodal que já acontece na Igreja local, para, em um segundo momento, apresentarmos as considerações feitas para a questão sobre as inspirações do Povo de Deus, à luz do Espírito Santo, para que a Igreja diocesana, paroquial e comunitária, possa crescer na **sinodalidade**, como nos pede o Papa Francisco.

1 - Como este “caminho em conjunto” está acontecendo na nossa Igreja local (Diocese/Paróquia/Comunidade)?

Para introduzir o tema, podemos afirmar que vivemos hoje um contexto e época singulares e um momento, curiosamente, ambíguo. Sem dificuldades, podemos afirmar que nunca houve tantas facilidades como na época atual. Com os avanços da ciência e da tecnologia, o mundo se tornou uma aldeia global. Os avanços alcançados pelo desenvolvimento científico e tecnológico, nos campos da biologia, da saúde e da vida, principalmente, nos últimos cinquenta anos, têm colocado a humanidade diante de situações, até há pouco tempo, inimagináveis.

A Igreja, Povo de Deus, não pode deixar de olhar para realidade complexa do mundo contemporâneo, mas, ao mesmo tempo, não pode ser protagonista do desânimo e da desesperança. Precisamos, pois, além de olhar e constatar a realidade com atenção e com objetividade crítica, agir. Não podemos esquecer que a Igreja é guiada pela luz e força do Espírito Santo, e não é a primeira vez que a Igreja presencia dificuldades e tempos difíceis.

O Papa Francisco, na encíclica *Fratelli Tutti*, nos convida a superar a cultura do descarte, do individualismo consumista e da competição. Ele sublinha a urgência de uma cultura do encontro, da **sinodalidade**, do diálogo respeitoso às diferenças, da passagem da desconfiança e do ódio para um estilo de vida de contato, de pontes, do prazer de reconhecer o outro em seu direito de ser ele próprio e de ser diferente. E, diante disso, alguns aspectos e tendências são urgentes de observação e discernimento para nós, servos e servas fiéis do “Evangelho da alegria”.

Há muitos pontos positivos para se destacar neste caminho em conjunto que estamos traçando atualmente. Tendo presente que a nossa Igreja Diocesana é formada por diversas e diferentes realidades, queremos lembrar que ela é situada na Região Nordeste do Rio Grande do Sul, abrange 73 paróquias, 983 comunidades, em 34 cidades, sendo algumas muito urbanizadas e outras ainda com aspecto rural ou ainda uma mescla com ambas as realidades.

A partir das e nas respostas enviadas à Equipe de Coordenação da Fase Diocesana do Sínodo, foi possível observar o trabalho belíssimo que foi e está sendo realizado em nossa Diocese. Há, porém, pontos muito significativos sublinhados que, em alguns casos, os aspectos e elos que unem a comunidade são, também, ao mesmo tempo, os pontos que precisam ser melhorados. Eis a seguir os pontos frisados pela Equipe para a reflexão.

Vida em comunidade. As comunidades se reúnem basicamente para a Celebração da Eucaristia, o que não acontece semanalmente na maior parte das comunidades. Diante da pluralidade de realidades, nem todas as paróquias possuem a organização dos Ministros (as) da Palavra, para o Culto dominical. Lembrando, porém, que o Povo de Deus se reúne para celebrar, confraternizar, e, também, prover a manutenção de suas estruturas físicas, faz-se, por outro lado, necessário incentivar as lideranças comunitárias e o Povo de Deus para que busquem ter as igrejas abertas semanalmente, especialmente, sábado ou domingo, para a oração comunitária, a fim de formarmos e termos em cada comunidade, de fato, uma *Comunidade Eclesial Missionária*.

Pastorais, movimentos e serviços. A missão e o trabalho das pastorais, movimentos e serviços foram apontados como aspectos muito importantes de integração, união da comunidade. Mesmo sabendo que, em muitas vezes e ocasiões, falem lideranças, destacamos haver muitas pessoas de boa vontade e dispostas a ajudar. Destacamos também a grande força e riqueza da catequese, nos passos da **Iniciação à Vida Cristã (IVC)**. Este serviço pastoral, em particular, precisa, por isso, ser cada vez melhor articulado em vista de sua essência e missão, a saber, a de convidar, acompanhar e conduzir os catequizandos ao encontro com o Senhor Jesus. Precisamos encontrar metodologias e processos cada vez mais chamativos e envolventes, a fim de conseguir o engajamento maior das crianças, dos adolescentes e dos jovens e da famílias no processo da ação evangelizadora.

Igreja acolhedora. Sobre este ponto, as respostas que chegaram das diversas realidades paroquiais dão conta de que a acolhida dos migrantes, dos refugiados e das famílias em situação de vulnerabilidade social está acontecendo. Em linhas gerais, todas as paróquias têm, ao menos, uma organização do serviço à caridade. A Igreja precisa se preocupar em ajudar as pessoas, para que as mesmas possam ser reinseridas e participantes na sociedade e no mercado de trabalho, como forma de restabelecimento da dignidade da pessoa humana. No entanto, existe uma barreira a vencer, a saber, o assistencialismo. Há a tentação de permanecer somente na distribuição, de forma muito assistencial, de alimentos e peças de vestuário. Ainda sobre a acolhida, há, também, uma demanda considerável de pessoas que buscam atendimento, orientação espiritual, confissão e aconselhamento. Por sua vez,

sublinhamos que o trabalho dos padres já acontece, sobretudo, nas paróquias que são referência para as cidades. No entanto, o Plano de Pastoral da Diocese prevê a organização de mais espaços de escuta e de auxílio humano às pessoas que buscam atendimento.

Plano de pastoral. Salientamos a importância da construção e escrita deste documento, à luz do método ver, julgar e agir, fundamentado, sobretudo, nos Documentos do Magistério da Igreja e nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil da Conferência Nacional do Brasil (2019-2023). O Plano de Pastoral da Diocese de Caxias do Sul propõe 12 linhas de ação no âmbito das diversas pastorais, serviços e movimentos da Diocese, para serem implementadas e realizadas nos próximos anos, especialmente, 2022 e 2023. O pedido das pessoas tem sido expresso na perspectiva de que o Plano de Pastoral da Diocese, lançado em 2020, seja mantido por mais tempo, para facilitar a organização pastoral e permitir a logística de todos os processos de unidade e comunhão diocesana.

Pandemia. A pandemia tem sido momento de reinvenção de muitas pastorais e serviços, com a organização de encontros *online* e híbridos. Este tempo mostrou também a percepção da necessidade de cada uma e uma se encontrar com Deus, consigo mesmo, e, também, voltar-se mais para a oração. Houve, diante do aumento de pessoas e famílias passando necessidades, a urgência de pensar e efetivar novas iniciativas de assistência aos necessitados e pobres, uma vez que a pandemia aumentou o número de pobres e a concentração de renda nas mãos de poucos. Por outro lado, a pandemia levou à utilização crescente dos meios de comunicação e das redes sociais, para os encontros formativos, para as celebrações e missas. As redes sociais, especialmente, facilitaram a compreensão, o acesso fácil à oração e às informações, mesmo sem sair de casa, mantendo, por conseguinte, viva a chama da fé. As campanhas em favor dos que sofrem, as pastorais sociais, o trabalho com os migrantes, com as pessoas em situação de rua (*Hospedagem Solidária*) foram apontadas como iniciativas que promovem a união e a caridade. Todavia, simultaneamente, destacamos, com tristeza, que a pandemia afastou muito as pessoas da comunidade, limitou as múltiplas atividades da Igreja e favoreceu a falta de participação na vida comunitária, levando ao individualismo e ao afrouxamento e afastamento da vida e envolvimento na vida comunitária e social.

Clericalismo. O clericalismo está ainda muito presente e tem crescido muito na vida da Igreja no último quartel de século. Este aspecto é considerado, em muitos relatos, como um aspecto que dificulta a participação das pessoas e das famílias na comunidade, limitando e impedindo, por conseguinte, a descoberta, o crescimento e a formação de lideranças leigas nos serviços e pastorais. Com uma das formas de clericalismo, destacamos a postura

autoritária e concentradora de muitos padres e religiosos. Além disso, destacamos, com muita tristeza e dor, que, em muitas paróquias, comunidades, serviços e pastorais, não haver projetos de pastoral com continuidade e as ações andarem, muitas vezes ou na maioria das vezes, de acordo com os gostos dos padres ou dos que se sentem donos das comunidades. Muitos padres, por inveja e ciúmes de seus colegas, não dão continuidade ao trabalho de seus próprios colegas, sobretudo, por ocasião de transferência, havendo, justamente, por isso, a quebra de processos. Essa atitude se reproduz, infelizmente, mais do que podemos imaginar, inclusive, em algumas e muitas lideranças, as quais, em suas comunidades, serviços e pastorais, também, agem com autoritarismo e concentração de poder, dificultando a integração pastoral entre as próprias lideranças e pastorais. Sentimos que o poder está mais saliente que a missão e a beleza de servir gratuitamente. Destacamos, também, as muitas manifestações de machismo no ambiente eclesial, tanto com relação à atuação dos padres, como também, dos leigos.

2 - Quais passos é que o Espírito nos convida a dar para crescermos no nosso “caminhar juntos”?

Para crescermos no nosso “caminhar juntos” em direção ao Projeto do Reino de Deus, no qual todos têm vida e dignidade, o Espírito Santo nos convida a sermos perseverantes, dinâmicos e atentos às necessidades da atualidade, a não desistir e nem perder a esperança, e, tampouco, a alegria. Convida-nos a agir com mais solidariedade, acolhida, amor ao próximo, união, comprometimento, doação, oração, e, por conseguinte, conversão. A urgente conversão pastoral exige, pois, abertura sempre maior à humildade, passando a respeitar opiniões, a escutar a diversidade e a dialogar com a diversidade e a diferença, ultrapassando os paradigmas encrustados, e, muitas vezes, petrificados.

Coerência entre falar e agir. A coerência entre o discurso e a prática, a fé e a vida foram muito apontados e sublinhados pelas pessoas e grupos que responderam ao questionário. A caridade e o cuidado com a vida também foram destacados, como na pergunta anterior, para que não se torne somente um assistencialismo, mas um serviço à vida, uma vez que muitas pessoas estão perdendo o sentido da vida e da participação na vida da comunidade eclesial. Faz-se urgente conhecer a realidade que nos cerca e assumir a responsabilidade da missão, visando a criar estratégias para ir ao encontro das pessoas, inclusive das famílias que se afastaram, convidando e envolvendo, por isso, mais pessoas neste processo da ação

evangelizadora, sobremaneira, firmando o nobre significado do testemunho de fé cristã na vida do mundo.

Superação da preocupação centralizada fortemente nas estruturas físicas. A preocupação com a manutenção das estruturas físicas foi levantada posta em discussão e em questão, justamente, porque muitas das lideranças estão mais envolvidas no processo com a manutenção das estruturas faraônicas dos nossos salões e com a construção de novas estruturas do que com o próprio processo de crescimento e amadurecimento da fé, seja ela pessoal, ou também, comunitária. Sublinhamos a necessidade urgente de uma corajosa e crítica reflexão e discussão da importância das estruturas das nossas comunidades, em detrimento, por sua vez, da ação evangelizadora. Salientamos a importância de uma melhor comunicação, tanto em nível interno, como também externo das ações da Igreja, para que a ação evangelizadora da comunidade de fé possa chegar às pessoas e às famílias, sem distinção e discriminação, e, assim, novas lideranças possam surgir, evidentemente, com o devido acompanhamento. Nesse sentido, apontamos para a necessidade de repensar a necessidade e a finalidade das festas comunitárias, para que não se constitua, quase que exclusivamente, em meio ordinário de arrecadação financeira, ao invés de constituir-se em possibilidade de integração entre as famílias e entre as comunidades. A sustentabilidade econômica deve desafiar as paróquias e comunidades, a fim de que seja possível fortalecer as estratégias de conscientização da importância do **dízimo**, por exemplo, a ponto de cada um e uma poder sentir a alegria de colaborar com os projetos da ação evangelizadora. Acerca do **dízimo**, salientamos a importância de buscar a unidade na linguagem e também no método (meios pelos quais) de contribuição.

Respeito à diversidade. É muito importante aprender a buscar equilíbrio e o respeito entre as diferentes opiniões. Muitas sugestões foram trazidas, bem como opiniões sobre as celebrações, especialmente, no que se refere ao Rito da Missa e sobre a formação dos padres e do laicato. A Igreja caminha com os olhos fixos em Cristo, guiada pelo Espírito Santo, tendo à sua frente o sucessor de Pedro, o Papa. Assim sendo, tanto para a Igreja diocesana, como também para a Igreja Universal, o desafio será sempre buscar o respeito, o diálogo e o entendimento acerca das diferentes formas de pensamento e tomar as decisões mais ponderadas e prováveis possível. A Igreja, sobretudo, no seu âmbito local, deve propiciar momentos formativos sempre nesta ótica e baseados na Tradição, no Magistério e na Doutrina Social. Também é preciso pontuar a necessidade de redescobrir a beleza do Concílio Vaticano

II, dos seus documentos e também na prática do revigoramento que trouxe à Igreja, permitindo a organização das comunidades de fé que se unem em torno da Palavra e da Eucaristia, as Comunidades Eclesiais Missionárias.

Conselhos de pastoral. Outro ponto que o Espírito nos convida e motiva na ação evangelizadora, sobretudo, após este período desafiador da pandemia, é reforçar, fundar e organizar os Conselhos de Pastoral, sejam eles comunitários, paroquiais ou diocesanos, com representatividade das pastorais, dos serviços, dos movimentos e das entidades das comunidades de bairro, para ser o caminho de construção coletiva, mediante a escuta aberta e qualificada dos participantes e dos representantes da comunidade, buscando ir além dos problemas internos da Igreja, mas abrindo-se para os problemas locais que a comunidade e sociedade possuem, nos mais diversos seguimentos: saúde, moradia, emprego, lazer, cuidado com o ambiente, saneamento básico. Para isso, além de articular e reforçar as pastorais, serviços e movimentos, os representantes precisam participar das instâncias de planejamento e de decisão das comunidades, paróquias e diocese.

Superação do clericalismo e da centralização de poder. O clero, e, também, muitas lideranças e coordenações precisam ter o cuidado de não manipular as decisões da comunidade e dos conselhos comunitários e paroquiais, e, muito mais, aprender a escutar, opinar e propor ideias, visando a tomar as decisões em conjunto e em comunhão e participação. É imprescindível a superação do clericalismo e da centralização do poder, uma vez que a centralização acentuada do poder leva como consequência a perda da visão da realidade do todo, justamente, porque o foco está na manutenção do poder e dos privilégios. Quanto às coordenações, de qualquer segmento pastoral, especialmente, as paroquiais, as regionais e as diocesanas, elas precisariam ter a presença dos leigos e leigas, a fim de evitar que os espaços de decisão sejam sempre ocupados, tão-somente, por padres e ou religiosos. Ainda, na organização interna da Igreja, faz-se necessário avaliar o trabalho dos Ministros Ordenados (padres), quando eles já estão, há muito tempo, à frente de uma paróquia, uma vez que essa situação pode levar ao comodismo e à formação de grupos que se fecham, não permitindo a outras pessoas interagirem e integrarem os serviços e as pastorais. Ao mesmo tempo, e, por sua vez, salientamos que, quando vier a acontecer a troca e transferência do pároco ou do padre que auxiliar, é necessária atenção, para que haja continuidade no trabalho e na ação pastoral, dando-se, por isso, por evidência, a importância, tanto do Plano de Pastoral, como também, do Conselho Paroquial de Pastoral e do Regimento Diocesano das

Comunidades, enquanto critérios básicos de atuação pastoral de padres e leigos, acima e quaisquer gostos e ideologias pessoais. Para contribuir com a organização e vivência das comunidades, surgiram muitas manifestações da reativação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), a fim de formar verdadeiras **Comunidades Eclesiais Missionárias**.

Participação da mulher na vida da Igreja. É notável, por muitos grupos, a necessidade de uma maior valorização da mulher dentro e fora da Igreja. Ante à numerosa, imprescindível e importante atuação da mulher nos diversos serviços e pastorais das comunidades e das paróquias, faz-se, mais do que necessário e urgente, valorizar e abrir, tanto mais possível, os espaços de reflexão e atuação da mulher não apenas nos serviços e pastorais, mas, também, e, sobremaneira, nas instâncias de reflexão e tomada de decisão. Não se pode mais “fazer de conta” que a situação e o lugar da mulher na vida da Igreja sejam meras constatações para percepção, constatação e conscientização, sem, por outro lado, não tomar atitudes e decisões conscientes de que homem e mulher são imagem e semelhança de Deus, filho e filha amados de Deus. Faz-se, portanto, mais de que emergencial, urgente e profético encontrar caminhos de atuação pastoral que tome como critério fundamental o respeito à questão de gênero. Surgiram, portanto, diversas manifestações na direção da reflexão e decisão acerca da possibilidade da ordenação de mulheres para o grau de diaconisas e para o grau de sacerdotisas.

Formação permanente. Outro aspecto citado muitas vezes, foi a formação permanente, como meio fundamental na construção do caminhar juntos, seja para o povo, para as lideranças, ministros, diáconos e padres. Com o povo, utilizar-se de uma linguagem acessível e adequada a realidade, investindo sobre mais nas escolas de Teologia e Bíblia, em cursos bíblicos, e em espaços de discussões e partilha sobre a realidade social e política, permitindo que aconteça o processo de amadurecimento na fé. Temos muitos cursos de formação, mas é urgente retomar a formação integral dos leigos e leigas, valorizando os diferentes dons e talentos das pessoas. Faz-se imprescindível investir na formação dos leigos e leigas e na valorização e comunhão dos serviços e ministérios diversos dentro e fora da Igreja. Precisamos ter clareza da importância da formação laical para a transformação do mundo, já que cada pessoa cristã precisa ser sal e luz do Evangelho da Boa Notícia nas instâncias e ambientes em que estiver atuado. Encontrar-se verdadeiramente com Cristo implica, pois, a adesão, a conversão, o testemunho e o anúncio do “Evangelho da alegria”. Foi pontuada, também, a necessidade de rever a formação dos novos padres, com uma perspectiva mais

humana, de atendimento personalizado ao Povo de Deus, para estarem mais presentes na vida das comunidades, mais próximos das pessoas, das famílias e das comunidades. E, tematizando-se e enfatizando-se, tanto a formação laical, quanto a formação presbiteral, queremos acentuar a riqueza e o significado fundamental da compromisso e da responsabilidade da Igreja Diocesana com a formação dos diáconos, buscando tornar a Igreja cada vez mais de comunhão, participação e missão.

Processo sinodal precisa realizar-se na vida da Igreja. É necessário dar continuidade ao processo Sinodal em todas as esferas, seja ela da comunidade, da paróquia, e, também, da diocese. Nesse caminho de escuta e respeito à diversidade, faz-se importante valorizar as pastorais com suas lideranças, sejam elas mais ou menos experientes na vida da Igreja, buscando intercalar e integrar as pessoas com mais idade e vivência, e insistir sempre, de novo, no convite dirigido às pessoas, a fim de que haja sempre novas lideranças, zelando e cuidando, para não sobrecarregar algumas pessoas em diversos serviços e pastorais. O poder vivificante do Espírito Santo nos inspira a aprender com as experiências de sofrimento e de provação para traçar um novo caminho de gratuidade e amor ao próximo, pensando, pois, no bem comum, ajudando, física, espiritual e até financeiramente, sem julgar. Urge planejar bem as ações de combate à fome, ao desemprego, à exploração, à falta de direitos, sendo, portanto, importante implementar a reorganização e o fortalecimento das pastorais, voltadas ao social, ao cultural, ao político no sentido da boa política na busca do bem comum. Sublinhamos a importância de pensar e executar caminhos e processos que levem à promoção do ser humano de modo integral, por meio, de cursos profissionalizantes, tais como, de artesanato, de alimentação, de inclusão social em programas sociais, partindo das necessidades concretas das pessoas, da realidade de exclusão, da vida e do trabalho, à luz da perspectiva da fé que nasce do encontro transformador de Jesus de Nazaré, que acolhe, perdoa, cura e envia em missão.

Sensibilidade pastoral compassiva e transformadora. O Espírito de Deus nos convida a sermos mais sensíveis com a dor do outro. Quando alguém da comunidade precisa de apoio ou orientação, seja ele de qualquer forma ou necessidade, é urgente a sensibilidade de acolhida, escuta e encaminhamento da ajuda. Salientamos, por exemplo, entre tantas possíveis pastorais e serviços, a pastoral dos enlutados em nossas comunidades e paróquias, a pastoral familiar com atenção especial aos casais de segunda união, com os divorciados, a pastoral da acolhida dos casais homoafetivos, da pastoral de gênero, a fim de que nossa Igreja seja mais de acolhida, de cuidado, e menos de julgamento e de exclusão. Faz-se, por

consequente, necessário intensificar a consciência, a concepção e as ações de acolhimento, de escuta, de valorização e de incentivo à participação, buscando apresentar possibilidades e atitudes de inclusão dos excluídos, independentemente, de sua idade, padrão social e cultural, cor, etnia e orientação sexual. Que nossa Igreja seja cada vez mais misericordiosa e compassiva, capaz de deixar-se, sempre mais, desafiar pelo exemplo da ação e da atuação do Mestre e Senhor Jesus Cristo.

Setor Juventudes. Iluminados pelo Espírito Santo, precisamos intensificar o trabalho junto aos jovens, introduzindo-os em todas as pastorais, para que todas sejam espaços da juventude e eles possam se identificar, contribuir e dinamizar a comunidade. Aqui faz-se importante frisar que, desde 2007, quando a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) publicou o Documento 85, que trata dos desafios e perspectivas para a evangelização juvenil, com a criação do Setor Juventude, nossa Igreja Diocesana vive um verdadeiro processo de **sinodalidade**. Os primeiros tempos, quando tudo era muito recente, foram anos difíceis, com discussões acaloradas e mesmo a percepção do desrespeito aos carismas. A partir da convocação da Jornada Mundial da Juventude do Rio de Janeiro, em 2013, o trabalho passou a intensificar-se, tornando-se um espaço de comunhão e construção. O Setor Juventude, por sua vez, não anula carismas, mas é lugar de traçar linhas comuns de trabalho e missão para com os jovens. Trata-se de uma experiência positiva que a Diocese de Caxias do Sul vive há vários anos.

Diálogo entre as Religiões e as Igrejas. Percebemos e constatamos nas múltiplas respostas do Povo de Deus que o Espírito Santo nos convida e desafia para uma missão imprescindível, não obstante dura e árdua. A religião é uma dimensão humana importantíssima na existência humana. Ela não tem a missão de desunir e de guerrear ou conflitar. A religião ou as religiões têm a missão de crescer e caminhar na comunhão, sobretudo, a partir da perspectiva do princípio fundamental de que cada pessoa é portadora de dignidade, e, portanto, portadora de direitos e deveres que precisam ser valorizados e protegidos. O Espírito de Deus nos convida a aprender, com os irmãos de outros credos, a buscar uma maior articulação, tanto em nível de ecumenismo, como também, em nível de diálogo inter-religioso, e, mais especialmente ainda, com as igrejas e religiões existentes na Diocese, criando momentos de melhor convivência e partilha entre os cristãos, abrindo-se, por consequente, para além das Igrejas que fazem parte do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC), convidando as que se dispuserem a caminhar juntos, resgatando as celebrações

ecumênicas e outras formas de expressão e tradição religiosa. Tarefa e missão nada fácil, mas exigente e urgente. Que o Espírito Santo suscite caminhos e pessoas capazes de aproximação, de escuta e diálogo.

Por fim, vemos que o caminho da **sinodalidade** é parte inerente da Igreja. Não podemos nos assustar e nos fechar, muito antes, pelo contrário, despojamo-nos a escutar as vozes e discernir os sinais dos tempos, uma vez que Deus é bom, Deus é próximo e Deus está conosco.